



O Fantasma no Porão

Elias José

Por que ler novelas

Amigo leitor

Ao iniciar uma viagem para um lugar desconhecido, sempre é bom consultar um mapa para podermos nos orientar. Do mesmo modo, ao iniciar uma leitura, sempre é bom termos algumas definições para nos orientar, para sabermos o que temos pela frente.

Agora você vai ler uma novela. O que é uma novela? Novela narra um episódio fictício, isto é, imaginado, escrito em prosa e não em versos.

A novela é diferente do conto e do romance. Ela pode ser curta ou longa, mas sempre conta uma só história e todos os acontecimentos que vão se desenrolando em torno dela. Em geral é movimentada e se prende mais à ação das personagens. O conto é uma narrativa mais curta e enxuta, que mostra mais os sentimentos e as emoções íntimas das personagens.

O romance é uma narrativa longa, com várias personagens e várias histórias que se entrelaçam.

Novela em livro tem a ver com novela de televisão? Tem sim, principalmente na maneira de o autor armar e conduzir a história e de criar as personagens.

Além disso, nos dois tipos de novela a divisão em capítulos também é feita de maneira muito semelhante. Você já notou que, na televisão, cada capítulo de uma novela acaba no clímax, quer dizer, no ponto que mais despertou a sua curiosidade, deixando você ansioso para saber como continua a história?

Quando ler “O fantasma no porão”, você vai notar que a interrupção de cada capítulo é feita num momento muito importante da história, fazendo o leitor ficar preso à leitura, querendo sempre continuar, sem se dar conta do tempo.

Ler uma boa novela é uma maneira gostosa de viajar e se divertir, sem sair do lugar. É uma aventura do espírito, um jeito de descobrir e conhecer ricos mundos imaginários, que podem ser alegres, tristes, engraçados ou ameaçadores, mas, quando a novela é bem escrita, são sempre muito atraentes.

Vamos lá, divirta-se com “O fantasma no porão”.

Elias José

O autor fala de sua obra

Como nasceu este “O fantasma no porão”? Pode deixar que, para você, eu conto. Um certo domingo, há um bom tempo, estávamos numa lanchonete meu irmão, sua mulher, seus dois filhos, Alexandre (apelidado Alex) e Samir, minha mulher e nossa única filha na época, Iara. Como o meu primeiro livro infanto-juvenil tinha feito sucesso, minha cunhada quis saber por que eu não escrevia outros. Eu disse que teria que ter um bom assunto. Aí, para me motivar, ela me contou o que estava acontecendo em sua casa. Eles moravam em uma casa com porão, e o barulho que vinha dele, à noite, era incrível, de assustar. Os meninos tinham certeza de que era um fantasma. O que era, eu não digo agora. Você vai descobrir no final do livro. Quando cheguei em casa, em vez de dormir, fui para a máquina de escrever (na época, acho que poucos tinham computador, só algumas empresas).

Assim começava a nascer esta novela. Você acha que no livro a história está contada exatamente como aconteceu na casa do meu irmão? De maneira nenhuma...

Aquilo foi só uma sementinha de história, que eu teria que plantar, adubar, cuidar, para brotar, dar galhos, flores e frutos. Fiz todos os sobrinhos entrarem na história, e até a minha filha, que só tinha um ano e pouco. E a novela foi pegando fogo, com acontecimentos de aterrorizar.

Acho que você vai perceber muita coisa ao ler o livro. Vai perceber, por exemplo, como o fantasma perturba a vida das personagens. E acho que vai perturbar um pouco a sua vida também. As novelas são feitas para nos envolver e nos emocionar.

Quem são as personagens? Você já sabe quem me inspirou para criar o Alex, o Samir, os pais deles e a Iara, não é? Os três moravam em Guaxupé. Os demais são primos deles, que moravam em São Paulo e Brasília. Mais do que isso, não quero nem posso falar, pois mataria o seu prazer de descobrir...

A nossa conversa está esticando muito. O que interessa é que você leia o livro, goste dele e o guarde na memória para sempre.

Uma boa leitura e um abraço do Elias José.

Elias José nasceu no distrito de Santa Cruz da Prata, município de Guaranésia, MG, em 25 de agosto de 1936. Vive em Guaxupé desde a adolescência, só se afastando para viagens de trabalho ou de estudos. Professor de Literatura Brasileira, aposentado. Casado com Silvinha, tem três filhos: Iara, Livia e Érico. Escreve poesias, novelas, contos, romances e crônicas para crianças, jovens e adultos. Com 22 anos ganhou o primeiro lugar em um concurso de conto. Em 1970, teve seu primeiro livro publicado, “A mal-amada”, também vencedor em concurso. Ganhou o Prêmio Jabuti, como o melhor livro de ficção de 1974. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil concedeu-lhe, em vários anos, o Prêmio Altamente Recomendável. Tem perto de 100 livros publicados, bem aceitos pelo público e pela crítica.

Alguns de seus contos e poemas foram traduzidos e publicados fora do país. Muitos livros seus representaram o Brasil em Feiras Internacionais de Livros Infantis e Juvenis.

Sumário

1. O fantasma
2. A novidade para contar
3. Os papudos
4. Os planos
5. O fantasma ganha a parada
6. Revistas de fantasma
7. Comunicação à distância
8. Outra noite com o fantasma
9. O fantasma cor-de-cinza
10. O fantasma continua sendo o assunto do dia
11. Luciana, a incrédula
12. A armadilha
13. O fantasma ataca com mais fúria
14. O fantasma não cabe na armadilha

15. O fantasma bebedor

16. Surpresa final

Glossário

1. O fantasma

— Mãe, mãe, pai, vocês ouviram a barulheira no porão?

— Deve ser algum gato, Alex — disse a mãe.

— Gato, nada. O Samir também ouviu. A gente dormia e a barulheira foi tanta!...

— Deve ser algum fantasma então — disse o pai.

— Eu falei pro Alex que era fantasma e o bobo não acreditou.

— Eu achei que era Saci.

— Saci não dá em porão, só na mata. Como pode falar tanta besteira assim?

— Mas, mãe, e se ele fugiu da mata e veio pra cá?

— Não há mata nenhuma nessa redondeza.

— É mesmo, a professora até falou outro dia que estão acabando com as árvores, falou em poluição.

— Então, deve ser o Sr. Poluído, meu filho.

— Quem é este tal que eu não conheço, pai?

— Samir, não vê que o pai tá inventando?

— Não há fantasma nenhum, dois medrosos. Aposto que fizeram xixi na cama de tanto medo.

— Eu tenho coragem, vou pra minha cama. Se o Samir é medroso, pode ficar. Eu enfrento o fantasma sozinho.

— Eu também vou. Não tenho medo, não.

— Alex, você está acordado também?

— Eu estou. Perdi o sono, e daí?

— Será que não é medo?

— Não tenho medo de fantasma. Pode até aparecer pra mim.

— Agora mesmo a cortina se mexeu. Será que o fantasma saiu do porão e

vem vindo pra cá?

— Você viu mexer? Tem certeza?

— Vi, mas não sei bem se é o fantasma.

— Então, vamos ficar calados. A mãe pode escutar.

— Mas, se o fantasma vier, eu grito.

— Eu não, vou enfrentar o fantasma de sapatada.

— Acho que vou buscar uma vassoura, que é bem mais forte que o sapato.

— Então vai, mas devagar. Se a mãe acordar, lá vem bronca. Eu prefiro ver o fantasma.

— Pronto, estamos armados! Ai do fantasma, se vier.

— Agora, podemos dormir. Qualquer coisa, você me chama. Sou maior e o fantasma vai morrer de medo de mim.

— É maior, mas eu é que quero acertar a cara dele.

— Quem está falando aí? Quero só descobrir o dono da voz...

— Não é nada, mãe. Nós já vamos dormir. É que o Samir tá com sede.

— Está com sede nada, está com medo. Já disse que deve ser barulho de gato.

— Eu sei, mãe. O Alex perdeu o sono e eu tô fazendo companhia pra ele.

— Mas amanhã nós temos que levantar cedo.

— Mãe, o Samir já tá roncando. E eu tô caindo de sono. Certo?

— Dou dez minutos pra vocês dois dormirem.

Dez minutos depois, pé ante pé, a mãe foi ao quarto deles. Estavam dormindo de verdade. O fantasma, porém, continuava fazendo diabruras no sonho.

2. A novidade para contar

No outro dia, os dois meninos não viam a hora de ir para a escola, levando a novidade. Eles eram os únicos que tinham um fantasma em casa. Os outros morreriam de inveja, iam ver. Antes, foram à casa das duas primas. Núbia, a menorzinha, arregalou muito os olhos e perguntou:

— Mas tem fantasma de verdade lá?!

— Tem, sim. Você quer ver? Vamos lá. Tá no porão.

— Deus me livre! Vocês não têm medo?

— O Samir ficou com medo, mas eu...

— Mentira, ele também ficou.

— No começo, nós ficamos com medo. Depois, pegamos vassoura, rodo, sapatos. Entramos no porão e enfrentamos o bicho.

— Mentira dos dois. Fantasma não é bicho, é sombra. Pensam que vou engolir esta? — disse Luciana.

— Bicho é jeito de dizer...

— Aí falei pra ele que eu tinha duas primas, que ia levar as duas para ele ver. Ele disse que as duas iam se ver com ele.

— Tudo mentira do Alex, Nubinha. Fantasma não fala.

— O nosso fala, sim.

— E nós vamos lá hoje ver o fantasma. Vocês duas podem ir com a gente.

— E o Vladimir e a Lara não podem ir também?

— Deixa de falar bobagem. Fantasma não gosta de neném.

— Eles não são neném mais, já têm um ano e meio.

— E um ano e meio é gente grande? Você também é uma pirralha. Grande sou eu, que tenho sete anos, e a Luciana e o Samir, que já têm seis.

— Eu não tenho seis, não. Tenho cinco anos.

— Eu sei, Samir. Tô falando só pra impressionar. Também, eu não quero ver fantasma nenhum...

— E não vai ver mesmo. Pode ficar brincando com o Vladimir que eu vou lá com eles — ordenou Luciana a Núbia.

— Você não é minha mãe, viu, xereta, mandona!

No caminho de casa, Samir e Alex iam explicando para Luciana, com detalhes, como era o barulho danado que ele fazia.

— Ele joga garrafa no chão, mia.

— Mia, não. Ele uiva.

— Não acredito em nada disto. Quem mia é gato, quem uiva é cachorro. Vocês são dois mentirosos. Deve ser gato ou cachorro que entrou no porão.

— A mãe também achou que era, mas acho que ela também não dormiu de

medo.

- Pra falar a verdade, acho que o pai ficou amarelinho de medo.
- Vou falar pro tio que vocês tão falando isso dele.
- Vai, fofoqueira. Vai que não deixa você ver o nosso fantasma.
- Vamos passar na casa do tio pra ver a larinha?
- Que é isso, Luciana? Hoje não dá. Você não quer ver o fantasma lá de

casa?

- Eu não vou cair nessa mentira, não.
- Você acha que preciso mentir?
- Mas sempre mente. Então, eu não sei...
- Você não acredita mesmo, não é?
- Só se chegar perto do fantasma e tocar nele. Mas agora não tô com vontade. Quero brincar um pouco com a lara.
- Tá com medo, hem, covardinha?
- Só pra provar que não tenho medo, vamos ao porão.

Foram. Próximo à porta do porão, ficaram discutindo quem entraria primeiro.

Cada um tinha mais medo que o outro. Foram salvos pelo grito da mãe, que estava chamando Alex para fazer o dever de casa que a professora marcou. Os outros dois entraram em casa, como se também tivessem deveres. Alex ainda contava garganta:

- Se eu não tivesse meus deveres pra fazer, vocês iam ver!...

3. Os papudos

Alex fez, correndo, os exercícios. Almoçou depressa.

Queria chegar cedo à escola para contar a novidade.

Os meninos se dividiam: metade acreditava, metade chamava Alex de mentiroso. A professora aproveitou para tirar da cabeça da molecada muitas histórias de assombração.

Mas os meninos discutiam com ela, protestavam:

- Fantasma, eu não sei se existe. Mas mula-sem-cabeça, meu pai já viu. E

quase morreu de medo!

— Sabe, eu tenho um tio que já viu lobisomem na Semana Santa.

— Na fazenda de meu avô, bate porteira a noite inteira.

— Deve ser o vento.

— Vento?! Que nada! É alma penada! Todo mundo tem medo.

— Eu não tenho medo de nada. Até discuti com o fantasma; eu e meu irmão Samir. Vocês precisavam ver...

— Deixem de bobagem. Nenhum aqui nunca viu isso!

Vocês ficam vendo televisão, lendo estas histórias em quadrinhos e, depois, inventam coisas.

O Alexandre vai parar com esta história de fantasma, certo? — disse sério a professora.

Luciana, na escola, contava para os colegas:

— Os meus primos viram um fantasma na casa deles. Ficaram com medo...

Foram me chamar e, aí, eu cheguei. Gritei pro fantasma aparecer se fosse homem. Ele apareceu. Eu sentei uma laranjada na cabeça dele e ele sumiu gemendo de tanta dor. Acho que não vai voltar mais. Mas, se voltar, vou dormir lá na casa do Alex, e o fantasma vai se ver comigo.

Em sua escola, Samir até confundiu as palavras de tanta garganta que contava. Contava que pegou a vassoura e mandou que o fantasma viesse. Ele não era desses molengas de correr à toa. O fantasma veio vindo.

E aí ele acertou bem na cabeça dele. Foi antes de vir para a escola. O fantasma ficou lá, chorando de dor.

Na casa do tio, o Vladimir e a lara não aceitavam brincar de mamãe como Núbia queria forçá-los. Ela falava:

— Vem com a mamãe, vem. A mamãe não vai deixar o fantasma pegar você. Eu vou na cozinha, pego uma faca bem grande e enfio na barriga dele.

Tocava uma música no rádio, e lara dançava e soltava sons, desinteressada da história de fantasmas. Vladimir pegou um limão, pôs na boca. Não gostou do gosto e cuspiu. Núbia continuava falando para os falsos filhinhos:

— O Alex, a Luciana e o Samir não quiseram me levar pra ver o fantasma. Mas no dia em que o Birinha chegar, eles vão se ver comigo. O Rodrigo vem de São

Paulo, o Birinha e a Zuleica, de Brasília. Vamos juntar o fantasma, fazer picadinho dele.

Se a Luciana, o Samir e o Alex entrarem no meio, vai sobrar pra eles também.

Iara e Vladimir continuavam desligados. Corriam, caíam, trocavam tapas. Núbia, naquele dia, não foi uma boa mãezinha. Estava impressionada demais com a história do fantasma.

4. Os planos

Naquela tarde, depois da escola, Alex e Samir nem deram bola para os desenhos animados da tevê.

Na escada da porta de entrada, faziam planos. Desenhavam roteiros de guerra. Armavam todo um arsenal para enfrentar o fantasma. Os outros meninos e amigos passavam. Gritavam por eles.

Convidavam para brincar. Eles estavam muito sérios, planejando tudo. Alex contava casos de brigas. Se já tinha enfrentado até dois meninos de uma vez, não seria um fantasma que iria amedrontá-lo. Samir falava em usar a espingarda de chumbinho.

Era preciso comprar chumbo. O pai tinha proibido de mexerem na espingarda. Uma vez o Birinha encheu a cara de chumbo, disparando enquanto carregava a arma. Samir inventou que estava com vontade de comer chocolate.

Queria dinheiro. A mãe deu chocolate e ele reclamou:

— Não quero este. Quero daquele maior, daquele mais caro, que só tem no "Galo de Ouro".

— É tudo chocolate, meu filho. Agora estou sem dinheiro trocado.

Nem as lágrimas do menino convenciam a mãe de que os chocolates não eram iguais, de que o mais caro e maior era o melhor.

— Coitado! Desde cedo ele tá falando na barra grande de chocolate. Se ficar doente de vontade... — disse Alex.

— Você tem dinheiro no cofrinho. Por que não dá pra ele, se tem tanta

pena?

Alex pensou, pensou. Não gostava de tirar o dinheiro do cofre para nada.

Preferia tapear o Samir, pegando parte dos doces dele e guardando os seus trocados para comprar jogos de computador. Mas aquele era um dia especial, já que não tinha jeito:

— Eu dou sim, coitado! Vamos, Samir, vamos comprar a barra de chocolate — disse piscando, malandramente, como só ele.

Foram os dois correndo para o bar, convencer seu Estêvão de que o pai queria dez reais de chumbinho.

5. O fantasma ganha a parada

À tarde, continuaram os planos de ataque ao fantasma. Nem quiseram ver direito os desenhos e filmes na televisão.

Alex mal conseguia fazer os exercícios marcados pela professora.

Passaram a tarde juntos, sem encontros com os amigos, sem brigas nem jogos. Estavam os dois unidos no mesmo ideal: enfrentar o fantasma.

À noite, continuaram isolados, sem procurar a mãe nem ninguém.

Nada de brinquedos nem de televisão. Nada de dar bola para os amigos, que não tinham nada com o fantasma. Era problema deles dois. Estavam preparados. Espingarda cheia de chumbinho em cima do guarda-roupa.

Vassoura atrás da porta. Uma faca amolada de cozinha (que a mãe vivia dizendo que era perigosa, não era brinquedo de criança) debaixo da cama. Agora, era só esperar, questão de tempo e paciência. Mas paciência não tinham. De meia em meia hora, perguntavam que hora a mãe ia desligar a televisão. Ela dava respostas sem interesse e continuava nas novelas e filmes. Nunca detestaram tanto as choradeiras das mocinhas sofredoras das novelas. Nunca ficaram tão desinteressados pelos filmes de detetives.

Depois das onze, o pai chegou do trabalho. Perguntou o que faziam acordados até aquela hora. Inventaram mil desculpas. Eles quiseram saber se o pai ia dormir. Ele disse que não, ia ver o programa de notícias na televisão. Depois, leria

um pouco, se eles permitissem. Se fizessem o favor de fazer silêncio. Depois do noticiário, o pai foi dar um abraço neles. Falou outra vez que era tarde, precisavam dormir.

Desconfiou que os meninos estavam com medo. Abriu o jornal e ficou lendo no quarto deles.

Respondia às perguntas com monossílabos. A mãe mexia na cozinha. Fazia muito barulho.

A televisão continuava ligada e as luzes, acesas. Fantasma gosta de silêncio e escuro, logo...

— Pai, o senhor podia ler na sala. Podia apagar a luz — pediu o Alex.

— Eu também tô com muito sono. Não gosto de dormir no claro – continuou Samir.

— Tá bom, vou apagar sim. Vou ler na sala.

— Mas já é tarde, o senhor não falou? Tá na hora de dormir. Amanhã, o senhor levanta cedo.

— Pronto, agora vocês vão decidir até a hora em que devo dormir?!

O pai apagou a luz do quarto. Foi ler o jornal na sala.

Eles esperavam, esperavam. Muitas vezes cochilavam, quase dormindo.

Meia hora depois, dormiam tranquilos. De dia, não dormiram um minuto.

Estavam muito envolvidos com a história do fantasma. Agora, já não eram os mesmos valentes: dormiam e roncavam sem heroísmo.

No porão, o fantasma virava e revirava, mal os pais apagaram as luzes. Também eles estavam cansados e não ouviam nada.

6. Revistas de fantasma

Logo que chegou da escola, Alex pediu dinheiro para o pai.

Não queria dizer o que compraria na banca de revista. Era uma revista que a professora pediu que comprasse e pronto. O pai insistiu:

— Mas esta revista não tem nome?

— Nome tem, mas me esqueci qual é.

— Como vai comprar então?

— Só de olhar eu conheço... É de história em quadrinhos.

— Com tantos livros bons pra ler, por que você não escolhe um deles pra comprar?

— Foi o que a professora pediu. Ela diz que quem não lê não tá com nada.

— Isto eu sei. Toma esta nota.

— Só cinco reais?! Dá um pouco mais. Não tem moeda no seu bolso?

— É o que eu tenho. Mas acho que dá pra comprar até duas ou três revistas.

— Tá bom. obrigado. Eu vou agora mesmo comprar.

O seu Maneco pode vender tudo pros outros meninos, e não vai sobrar nada pra mim.

— Primeiro o jantar! — falou a mãe.

— A banca é tão perto. Vou e volto num minuto.

A mãe não concordou. Alex jantou rapidamente. Escovou muito mal os dentes e saiu. Só pensava na revistinha de fantasma que compraria. Estava meio envergonhado de ter mentido, de ter colocado a professora no meio. Mas depois explicaria ao pai. Tinha certeza de que ele entenderia. Compraria a revista e leria antes de mostrar ao Samir, que estava na casa do tio. Assim teria sossego para curtir sozinho os fantasmas em quadrinhos.

Na banca, foi uma decepção. Alex olhou, mexeu, revirou várias revistas e não encontrou nenhuma de fantasma.

— O senhor tem certeza de que não tem, seu Maneco?

— Tenho. Mas tem tanta revista boa e divertida aí. Escolhe outra.

— Outra eu não quero.

— As revistinhas de fantasma esgotaram logo. Não sei que mania que moleque tem de gostar de fantasma. Só que eu não posso falar nada. Também fui louquinho por fantasma, mula-sem-cabeça soltando fogo pela boca inexistente, saci-pererê, lobisomem, bruxas, feiticeiras, cavalo encantado e heróis voadores.

— Como eram os nomes das revistinhas de fantasma, seu Maneco? Dá pro senhor anotar num papel pra mim? Vou pedir fora. Tenho que conseguir as deste mês de qualquer jeito!...

Seu Maneco anotou e entregou o papel para o Alex, dizendo:

— Cuidado, hem! Meu pai dizia: quem mexe com fogo pode se queimar.
Mexer com fantasma é mil vezes pior do que mexer com fogo!!!

7. Comunicação à distância

Alex chegou em casa e foi direto ao telefone. Queria falar com o primo Birinha, de Brasília. Lá, cidade maior, com muitas bancas, haveria de encontrar as revistinhas de fantasma. Cidadezinha não tem nada mesmo, pensava. Só cachorro na rua e histórias de lobisomem. Ele estava vivendo uma história mais emocionante, de fan!-tas!-ma! Só que tentava, tentava e nada de o telefone atender. Aí, foi falar com a mãe:

— Mãe, eu preciso muito falar com o Birinha e não estou conseguindo...

— Pode ligar, mas fala pouco. Hoje não é domingo e o interurbano fica mais caro. Quando vem a conta, você já sabe o auê que o seu pai faz.

— Mãe, eu disco. O telefone chama. Mas ninguém atende.

— Se não atendem é porque não tem ninguém em casa.

— Então, deixa eu ligar pra São Paulo. Quero falar com o Rodrigo ou com a tia Ena.

— Passa um e-mail pra eles. Agora, não tem ninguém na casa do Rodrigo. Sempre chegam depois das oito.

— Vou tentar a tia Ena.

— Fala rápido e me dá sossego.

Chamou nas duas casas, várias vezes, e ninguém atendeu. Que família que não pára em casa — pensou.

Foi ao computador e bolou um e-mail legal para o Rodrigo e para a tia. Mas, na hora de passá-lo, não conseguiu. O computador não atendia aos seus comandos.

Escrevia e, na hora de enviar, apagava tudo. Isto aconteceu umas dez vezes. Aí, Alex se perguntou com muita raiva: "Será que o fantasma pôs vírus na internet?"

— Mãe, deu problema no computador e não passei o e-mail.

— Deve ser problema do provedor ou do nosso computador, que está com

pouca memória. Deixa isto pra noite, que fica tudo mais fácil.

— Mãe, acho que vou escrever uma carta pro Birinha.

— Faz bem. Estudante que escreve carta desenvolve a redação.

— Uma carta demora muito pra chegar em Brasília?

— Não sei bem o tempo. Acho que dois ou três dias.

— Que raiva! Que raiva!

— Raiva do quê, Alex?

— Nada não, mãe. Tô com raiva desta demora da carta, do telefone não atender, do vírus no computador.

— Dá uns murros numa almofada que a raiva passa.

— Nada disto. Vou é escrever a carta, mesmo demorando um pouco pra chegar. Quem sabe um telegrama, mãe?

— Nada disto. No telegrama, pra não pagar muito, a gente só diz uma dúzia de palavras. Escreve uma carta longa, bonita.

— É, o jeito é escrever uma carta. Pena que demora tanto a chegar!

— Mas por que tanta pressa, meu filho?

— É que eu tô com muita saudade dos meus primos e da minha tia Ena, mãe.

E, na carta, Alex falou de fantasma até não poder mais.

Falou na coragem dele e do Samir, nos medos da mãe. O pai estava caçoando. Mas, no fundo, deveria tremer de medo.

Convidou o primo e a prima Zuleica para virem até a sua casa logo. Assim participariam da aventura de pegar e prender o fantasma. Os meninos da sala dele estavam querendo participar.

Mas só escolheria alguns poucos. Fantasma não é bobo para aparecer para muita gente. E aquele era um fantasma diferente, mais barulhento, cheio de luzes e chamadas e gemidos. Depois, entrou no assunto da compra das revistinhas que tivessem fantasmas como personagens. Livros também seriam muito interessantes. Era só dizer quanto pagou que o pai daria o dinheiro para ele mandar. Mas tinha que lhe enviar logo, pois um fantasma não dura muito tempo em um só lugar.

Ao fazer a carta, Alex não sabia escrever direito algumas palavras mais difíceis. Pedia à mãe que escrevesse num pedaço de papel à parte. Ela estava

intrigada com o uso de algumas palavras numa carta para matar saudades. Quis ver o que o filho estava escrevendo.

— De jeito nenhum, mãe. O assunto é nosso, meu e do Birinha. É confidencial. Não é este o nome que a senhora dá à correspondência sua e do pai?

— Eu acho que você está colocando o fantasma na carta. Não está?

— Não. Não tô. E, se colocasse, era mentira minha?

— Seu pai já disse que não há fantasma no porão. É só barulho de alguém ou de algum bicho, meu filho.

— Meu pai disse, né? E a senhora, o que acha?

A mãe começou a rir meio nervosa. Depois, achou a melhor saída:

— Acaba a sua carta sozinho, mesmo com palavras erradas. Todo mundo sabe que você ainda está aprendendo. Um dia escreverá tudo certinho. Mas é preciso usar o dicionário. Todo mundo usa. Até os jornalistas e escritores famosos. E eu vou ver o bolo no forno...

8. Outra noite com o fantasma

Mal a casa ficou em silêncio, a televisão desligada, as luzes apagadas, começaram os barulhos. Garrafas caíam no chão e quebravam. Barulhos de passos corridos. Gemidos doloridos, diferentes. Os dois meninos estavam de olhos muito espantados. Olhavam um para o outro. Depois, para a janela, para a espingardinha de chumbo, em cima do guarda-roupa, e para a vassoura, que tinham posto atrás da porta. O barulho aumentava cada vez mais e mais.

A mãe acordou assustada. Cutucou o pai. Logo, os dois conversavam na cozinha muito baixinho. As crianças grudaram os ouvidos na porta e perceberam que o pai tentava acalmá-la. Dizia que não era nada, apenas algum gato ou cachorro no porão. Ela dizia que era um barulho diferente. Gato não era, tinha certeza. E como um cachorro entraria no porão? Ouviu gemidos e passos corridos, não miados.

Ouvindo passos no corredor, os meninos voltaram correndo para a cama. Os corações disparavam. Os pais abriram a porta. Eles fingiam dormir.

O pai voltou a falar baixinho. Deveria ser alguém com frio, procurando

abrigo.

A porta não era muito bem fechada. A mãe tanto insistiu que não era nem gente nem bicho, que o pai falou, meio irritado e meio brincalhão:

— Então deve ser fantasma mesmo!

— Deixa de ser gozador! — falou a mãe.

Os meninos nem ouviram a mãe. Saltaram assustados da cama, tremendo. Ouviram um barulho mais forte. Abriram a porta gritando:

PAI! PAI! PAI!

O pai batia uma vassoura no assoalho. Aí abraçou os filhos e explicou-lhes que o barulho de cima faria os bichos sosseguarem.

Acabaram dormindo os quatro na cama de casal. O pai, para chamar o sono e distrair os filhos, contou histórias de meninos tontos, medrosos. Os meninos mal prestavam atenção nas histórias. Estavam atentos, aguardando novos barulhos do fantasma.

9. O fantasma cor-de-cinza

Estavam os dois no porão, esperando pelo fantasma. De repente, um clarão escuro.

A mão do Samir suave, segurando a do Alex. Os corpos dos dois tremiam. Alex cochichava:

— Calma! Nós não vamos correr. Vamos enfrentar o fantasma e acabar com ele. O coitado vai apanhar tanto que vai acabar fugindo do porão.

— Será que, antes, ele não acaba com a gente, Alex?

— Só se acabar com você. Pra que serve a nossa força?

E a espingarda e a vassoura pra que servem? Nada de correr, de bancar o covarde.

— Olha o clarão aumentando!...

— Já estou escutando passos fortes. Parece que ele vem arrastando os pés. Deve estar arrastando uns cem quilos, pra fazer tanto barulho!

— Ih!, agora deu pra gemer forte, com dor e com raiva!

— Acho melhor chamar o pai. Você não acha?

— Que pai, que nada, seu covardão! Vamos enfrentar o fantasma. Nós dois somos corajosos. Homens que enfrentam o perigo!

— Você enfrenta?! Você tá tremendo!...

— Não tô não. Tô em má posição, pronto pra atirar.

Sem apoio na parede, a gente treme mesmo.

— Mas o clarão tá aumentando, meu Deus!...

E veio mais luz, luz que cegava. Mais barulho, deixando os dois meninos meio surdos. um vulto enorme, cinzento, saía dos fundos do porão. Os passos do fantasma vibravam como um avião a jato. Um clarão muito forte e vermelho saía dos olhos dele. Mas era preciso ter coragem para enfrentá-lo, agora estava se aproximando, se aproximando mais e mais. Tão próximo que dava para ver os lábios muito vermelhos, brilhantes. Os dentes muito amarelos, cor-de-ouro. A cara pintada de várias cores. Os olhos soltavam serpentinas e confetes cor-de-fogo. O fantasma virou-se quando estava bem próximo.

Atirou serpentinas e confetes na cara deles. Os olhos ardiam muito. A pele queimava. Ficaram tontos, mas começaram a lutar para não morrer.

Samir conseguiu pegar a espingarda. Fugiu para um canto escuro. De lá, fez pontaria, mas os seus dedos endureceram na hora de puxar o gatilho.

De vassoura em punho, Alex esperava.

Duas mãos imensas do fantasma tomavam quase a extensão do porão. Mãos cor-de-cinza muito brilhantes avançavam para o lado do Alex. Elas queriam apertar-lhe a garganta. Samir chorava com medo do ataque ao irmão e com raiva por não conseguir atirar.

Alex, na iminência de ser atingido na garganta, começou a berrar desesperadamente.

Samir conseguiu abrir fogo. O corpo do fantasma era mesmo transparente. O chumbo atravessava o corpo sem atingi-lo. O chumbo entrava doloridamente no corpo do Alex.

As mãos imensas, cinzentas e luminosas já estavam muito próximas do pescoço do Alex. Era preciso chamar o pai, berrar, correr. Mas o grito não saía. Os pés estavam presos no chão. As mãos do fantasma tocaram-lhe o pescoço e uma

gargalhada fez estremecer os alicerces da casa. O rosto estava carregado de medo. Batia com os braços. Soltava gemidos, esperneava.

Assustado com o grito de um dos filhos, o pai correu para o quarto deles.

Sacudiu, chacoalhou alex, até que ele acordasse. O valente tinha tido um pesadelo e chorava agarrado ao pai.

De manhã, quando Samir começou com gozação, Alex ainda disse todo arrogante:

— Chorei, mas foi de raiva, não de medo. Não sei por que acordei. Já tava quase acertando a cara daquele fantasma espalhafatoso!

10. O fantasma continua sendo o assunto do dia

Mesmo com o pesadelo, não diminuiu a excitação do Alex.

Levantou-se bem cedo. Os pais dormiam tranqüilos. Samir até roncava. Alex saiu pé ante pé. Queria contar a novidade do fantasma para o tio, antes que ele saísse para o serviço.

O tio gostava de ler e de ouvir histórias. Prestava muita atenção nos casos de crianças e de adultos. Todos os dias, perguntava pelas novidades, principalmente depois do aparecimento do fantasma.

Antes de tocar a campainha da casa do tio, Alex ouviu os berros escandalosos da lara. A tia fazia a mamadeira e a menina gulosa não sabia esperar. Estava nervosa por levantar tão cedo, com o frio chato que estava fazendo.

Ouviu a campainha e gritou alto: quem é? Já vou! Ouvindo os gritos da mãe, lara passou do choro ao riso. A tia abriu a porta e estranhou a visita do Alex tão cedo:

— O que foi, querido? Por que você acordou tão cedo?

— É tão cedo assim? Será que olhei mal as horas? Cadê o tio?

— O seu tio está dormindo. Ainda não são nem seis horas...

— Desculpa, tia. Não pensei que fosse tão cedo.

— Faz um favor pra tia. Vai agradando a larinha, enquanto preparo a mamadeira.

Alex foi agradecer a prima. Queria mesmo era conversar com a tia, mas o que

Ihe sobrou foi tomar conta daquela menina fofa e bonita.

Logo, lara começou a mamar. Gulosa como era, nem tomava mais conhecimento do primo. Alex não estava achando graça nenhuma em ficar vendo lara, desligadona, só querendo saber da mamadeira.

Mesmo que Ihe falasse do fantasma, ela não entenderia nada. Gostou menos ainda quando a tia Ihe disse que ia se deitar um pouco.

Perguntou-Ihe se ele não queria deitar-se também para se esconder do frio. Nem tanto frio ele estava sentindo.

— Vou-me embora. O tio ainda demora pra levantar, né?

— Demora uma meia hora. É cedo ainda. O seu tio gosta de curtir a cama até os últimos minutos. Deita um pouco também, seu valentão, que não tem medo nem do frio.

— Sua mãe madrugou hoje?

— Não, só eu acordei mais cedo.

— Por quê? Perdeu o sono?

— Acho que a minha mãe e o meu pai só dormiram bem de madrugada.

— Por quê? Perderam o sono ou ficaram brigando com o fantasma?

— Quem brigou com ele fui eu!...

— Não falei que você é um valentão? Mas depois você me conta. Agora eu quero dormir mais um pouquinho. Deita aqui comigo, não seja teimoso.

— Vou-me embora. Pode deixar que eu puxo bem a porta. Depois, eu conto tudo pro tio. A senhora acha que fantasma é besteira, que não existe. Se aparecesse um pra senhora...

— Como? Aqui nem porão tem.

— Mas ele pode aparecer no forro. Se a senhora abusar, ele vem, puxa a sua coberta, dá beliscões na larinha. Fantasma deve adorar neném gordinho.

— Tá bom. Se você não quer dormir, pega uma revista e vai ler na sala.

Já que a tia preferia dormir a conversar com ele, Alex resolveu ir embora. Depois falaria com o tio. O melhor era dar no pé. A tia suspirou aliviada e Alex saiu todo chateado.

Na rua, à procura de público, Alex encontrou o delegado, amigo de seu pai, saindo da padaria. Ele era muito sério e muito forte. Tinha jeito de caçador de

fantasma. O frio deixou o homem com a cara amarrada, diferente de todos os dias.

Estava todo encapotado, encolhido e, por certo, mal-humorado.

Preferiu só dar bom-dia e não dizer nada.

Quando Alex viu dona Maria na janela, ficou feliz. Ela quis saber o que ele fazia na rua tão cedo e com tanto frio. Aproveitou e contou o caso do fantasma que andava aparecendo em sua casa, que não deixava ninguém dormir sossegado, que era enorme, valente, todo colorido e luminoso...

Como os filhos já estavam todos crescidos e fora de casa, dona Maria adorava conversar com crianças. E foi dando corda para o Alex. Aí ele passou para as brigas dele e do irmão enfrentando o fantasma. Engrossava a voz, imitando a fala do fantasma. Dava gargalhadas, fazia dona Maria rir. E eram tantos tiros, murros, sopapos, gritos para amedrontar, que dona Maria falou:

— Meu filho, vai devagar... Pra espantar fantasma, só reza brava, mas muito brava mesmo!

E Alex foi para casa, mas antes parou na porta da igreja. E rezou até reza que não sabia.

A mãe, que tinha dormido mal, com sustos e pesadelos, gritou quando não viu Alex em sua cama. Procurou em todos os cantos da casa, e nada. Foi ao porão, meio assustada, e nada. Resolveu pôr uma roupa e procurá-lo na rua.

Quando abriu a porta, viu o filho vindo da praça da igreja.

Foi logo gritando com ele, muito nervosa.

— Mãe, que gritaria é esta? Que escândalo é este?

Eu apenas acordei mais cedo e resolvi dar umas voltas. Será que tudo isto é medo do fantasma?

Logo, os dois meninos já estavam de uniforme. O pai estava pronto para ir ao trabalho e a mãe à feira. Aí, como ainda era cedo, Alex pediu para ligar pra Luciana. Como mentiu que precisava de umas anotações, a mãe deixou.

No telefone, Alex só contava vantagens, coisas fantásticas, acontecidas naquela noite. A prima só desmentia para contrariá-lo. No fundo, sem dar o braço a torcer, ela também estava perturbada com aquela história de fantasma lutando com os primos.

Na escada, Alex ouviu passos que vinham do porão. Olhou assustado. Era a

mãe. Quando ela visse que ele ainda estava no telefone, daria bronca.

— Luciana, eu vou desligar. A minha mãe tá falando que já é hora da escola. Depois, ela não quer que a gente espalhe esta história de fantasma. No fundo, ela tá mais assustada do que a gente. Você sabe como ela é...

— Eu ouvi dizer que a televisão vai a sua casa pra fazer uma reportagem sobre o fantasma. É verdade?

— Não sei disto não. Quem falou isto?

— A cidade inteira não fala em outra coisa.

— Na escola você me conta mais. A mãe já tá me chamando... Tchau!

11. Luciana, a incrédula

Alex e Samir chegaram gritando os nomes das primas.

Núbia dava aulinha de mentira para o Vladimir. Pediu silêncio, pois a explicação era difícil. Nem deu bola para os primos. Mas ficou de ouvido em pé, quando ouviu falar de fantasmas.

— Luciana, Nubinha, Vladimir, o fantasma apareceu de novo!

— Vocês precisavam ver o que eu com o Alex aprontamos com eles.

— Apareceu de novo? Vocês viram? Como era ele? — perguntou Núbia agitada, se esquecendo da aula.

Luciana ficou firme. Continuou a desenhar, fazendo pose de superior àquelas criancices. Mas, por dentro bem que se interessava — e muito — pelo assunto.

— Não interessa pra você esta história tola de fantasma, Núbia. Isto não é verdade, nem é assunto pra criança menor — falou Luciana.

— Sem-graça! Quem sabe você é gente grande? — retrucou Núbia.

— Continue com a sua aula, Núbia. Vou conversar com a Luciana lá na sala. Depois, a tia vai dizer que eu ponho medo em você...

— Se a Luciana pode ouvir, por que a Núbia não pode? Acho que ela é mais nova na idade, mas tem até mais juízo.

Luciana ficou louca com o palpite do Samir.

— Eu não fui na sua casa procurar os dois pra falar asneira de fantasma...

Estou pouco ligando pro assunto misterioso que vieram me contar. Por que não ficaram em casa curtindo o fantasma?

Este assunto já me encheu, tá?

— Encheu porque você não tava lá em casa. Aposto que se estivesse...

— Nem me fale em aposta. Você, Samir, já se esqueceu que me deve dois reais de aposta?

— Não esqueci. Quando tiver o dinheiro, eu pago.

— Olhem aqui, se querem falar de fantasma, vamos lá pra sala ou pro jardim. Vocês pensam que a Nubinha não anda assustada com isto?

E a minha mãe fica uma fera...

— Aqui, a gente pode conversar tranqüilamente. Eu comprei chumbo pra espingardinha só pra acertar a cuca do fantasma.

— O tio não queria saber de vocês pegando aquela espingarda. Vou falar pra ele. Vocês já esqueceram que os chumbinhos furaram a cara do Birinha na hora de carregar a espingarda e ele ficou com buracos na cara e quase morreu de dor?

— Luciana, escuta. O Birinha é outro caso. É moleque de cidade grande, que não sabe lidar com espingarda de chumbinho.

— Deixa esta menina tonta aí, Alex. Vamos contar pra Nubinha, que não é tão chata.

— Contar histórias de fantasma pra minha irmã? Se vocês abrirem a boca, chamo a minha mãe. Sei que ela tá na escola, mas eu ligo lá. Ela tá cheia desta história de fantasma, que vem fazendo a Nubinha perder o sono. Como eu, ela já perdeu a paciência com vocês!...

Não adiantava insistir. Os dois meninos sabiam que a prima era fogo e a tia não gostava nem de falar em medo para os filhos. O melhor era dar no pé.

Afinal, muitos colegas estavam doidos para saber as novas do fantasma.

Era besteira perder tempo com uma menina teimosa. Ela não acreditava em nada, nem em fantasma, coisa que todo mundo sabe que existe.

Saíram da casa da tia muito chateados. Um prometia ao outro deixar a Luciana numa gelada. Ela aprenderia a ouvir e a acreditar no fantasma.

Pelo menos no fantasma do porão da casa deles ela teria que acreditar...

12. A armadilha

Quando voltaram da escola, os meninos viram o pai fazendo um serviço diferente. Nada de contas no computador. Ele mexia com latas, pedaços de madeira, pregos grandes e menores, serrote, martelo e abridor de latas.

Tanta coisa diferente mexeu com a curiosidade dos meninos.

— O que o senhor tá fazendo, pai? — perguntou Alex.

— Vai fazer o que com isto, pai? — quis saber Samir.

O pai disse que daria um sorvetão para quem acertasse. Os meninos diziam uma coisa, logo outra. O pai só falava que estava frio ou quente, conforme eles estivessem próximos de adivinhar. Quando falaram em ratoeira, o pai gritou: "está quente!"

— Mas ratoeira não é. Tem rato aqui em casa, pai?

— Não, Samir, rato não tem...

— Então dá uma dica pra gente! — pediu Alex.

— Vou dar uma dica, uma só. Mas bem na cara. Vou pôr esta coisa no porão.

A palavra porão já estava carregada de magia para eles. Nunca mais voltaram lá. Só olhavam a porta, curiosos. Tinham vontade de entrar, mas e o medo do fantasma?

— O senhor acha que esta armadilha pequenininha, feita de latas de óleo, vai pegar um fan!-tas!-ma!??

— Que fantasma, Alex? O seu pai e eu já dissemos mil vezes que não há fantasma nenhum. É apenas algum bicho. Quem sabe rato, rata e filhotes?

— Mãe, ontem mesmo nós ouvimos a senhora dizer que tava com medo.

— Mas não era medo de fantasma. Tive medo de ser alguém embriagado.

— Eu já cansei de falar que deve ser algum bichinho, gato ou rato.

— E o senhor acha que bichinho faz um barulho daqueles, pai? Só se for lobo, tigre ou leão — falou Alex.

— Bicho, bicho... Bicho mia daquele jeito estranho, feito choro? Os passos

de um bicho são tão barulhentos?

— Então, vocês vão ver o fantasma amanhã. Preparem-se. E não quero saber de menino covarde.

— Como é que o senhor vai fazer esta armadilha, pai?

— Abri quatro latas. Serrei as tábuas de acordo. Bati pregos onde foi preciso, deixando uma tábua móvel.

— E o senhor acha que estas tabuinhas, com estes preguinhos, vão agüentar alguma coisa?

— Espera, Samir. Deixa eu explicar.

— Dentro da armadilha, vou pôr carne ou queijo. O bicho, atraído pelo cheiro, sentirá fome. Vai empurrar a tábua móvel até entrar. Lá dentro, comerá tudo. Quando for sair, não terá como abrir a porta, pois os dois pregos vão impedir. Amanhã, nós teremos o famoso fantasma preso. Certo?

— Só porque o senhor quer!...

— Samir, fica quieto. O pai, coitado, perdeu o juízo. Ele tá pensando que fantasma é igual aos ratos que ele apanhava na infância. Um fantasma grande e transparente não cabe aí e nem tem tábua que segure. Mesmo que ele encolha na hora.

— Alex, acho que nem a unha dele vai caber nesta armadilha.

— Deixa de ser tonto, Samir. Gato é que tem unha e tem fome. Fantasma é outra coisa e o pai nem sabe o que é...

— É, o pai pode saber muito é de armadilha de filhote de rato.

O pai fazia que não estava ouvindo, mas naquele momento falou:

— Vocês são dois teimosos e medrosos. Dá vontade de pôr os dois de castigo, como fazia a minha mãe. Aí, teriam que escrever cem vezes:

SÓ MENINO TONTO ACREDITA EM FANTASMA! SÓ MENINO TONTO ACREDITA EM FANTASMA!

13. O fantasma ataca com mais fúria

Uma hora depois de darem boa-noite e apagarem as luzes da casa... Tudo

em silêncio.

Todos dormindo. Começou a barulheira. Era garrafa que quebrava. Tábua que caía.

Correria e guinchos. Barulho de latas batendo. Os meninos acordaram primeiro. Olharam assustados um para o outro. Tinham muito medo. Mas queriam que o barulho aumentasse. Só para o pai ver que aquela armadilha dele não servia para fantasma.

— Sabe, Alex, eu acho que fantasma encolhe sim. Escuta só a barulheira da lata da armadilha.

— Bobagem. No porão tem muita lata vazia. Como é que vai ser logo aquela?

— Mas é barulho de uma lata só, batendo de lá pra cá. Não sei que sono de pedra têm o pai e a mãe...

— Eu já tô ficando com muito medo! Será que a armadilha segurou um dedo do fantasma? Será que ele sentiu o cheiro da carne, ficou com vontade e prendeu o dedo lá?

— Sei não, mas continuo achando que fantasma não tem fome. Mas ele é tão transparente, como que...

— Sabe, Alex, leite eu tenho certeza de que ele bebe.

— Por que tem certeza?

— Outro dia, eu deixei lá um prato com leite e ele bebeu tudo.

— Deixou, deixou como? Vai me dizer que entrou no porão? Seu mentiroso!

— Entrar lá, não entrei. Abri a porta, estiquei o braço e deixei o prato lá.

— Vou acreditar muito! Conta esta pra neném de fralda, pra larinha ou pro Vladimir.

— Juro que deixei o leite lá.

— Deixe de jurar, cara contador de garganta. Vamos escutar calados. Parece que o barulho diminuiu, quase parou.

— Quem sabe o fantasma tirou o dedo da lata?

— Pode ser. Depois que se viu livre, deve ter dado no pé, assustado.

— Só rindo, seu bobo. Fantasma assustado! Hahahahahaha!

Os dois meninos ficaram muito tempo esperando novo barulho. O fantasma

não voltou a atacar. Por certo, cansado, dormiu, sossegou.

— Samir, vamos dormir. Amanhã cedo, temos escola.

Se a mãe escuta a gente conversando, vamos agüentar falação. O fantasma hoje não voltará. Amanhã, vamos criar coragem. Entraremos no porão pra ver se ficaram pedaços dele na armadilha.

— Eu não vou coisa nenhuma, Alex. Estou começando a me apavorar com esta história de fantasma.

— Você é mesmo covarde! Eu vou, pego o que achar de diferente e trago pra confirmar. Até o pai, a Luciana e a tia vão acreditar em fantasma, tenho certeza. A mãe não confessa pra não assustar a gente. Mas ela acredita e tem muito medo. Não sei, mas se a tia não gosta nem de tocar no assunto é porque também tem medo.

Quem é que não acredita em fantasma? Só gente que tem coragem de mentir ou de fingir.

14. O fantasma não cabe na armadilha

Realmente, os meninos tinham razão. Em armadilha de rato, fantasma não cabe.

Ele colocou parte do corpo e, como não dava para entrar, esperneou, esperneou. Bateu com os pés na lata.

Fez aquela barulheira danada e escapou.

De manhã, o pai foi ver o resultado. Só encontrou pêlos castanhos por todos os lados.

Os meninos acharam uma novidade fantasma ter pêlos. Mas não disseram nada para o pai para evitar aquele papo furado de sempre.

A comida tinha ido embora. Então, fantasma comia mesmo. Alex, que sempre afirmava que não, ficou chateado. Ele queria um fantasma cinzento, luminoso, cara colorida, que não comesse e nem tivesse pêlos. Um fantasma como o do sonho.

Samir estava vitorioso com a descoberta e disse:

— Eu não falei que deixei leite e ele bebeu tudo?

O pai mandou chamar o vizinho, seu Antônio, que o ensinou a fazer uma armadilha maior e bem resistente.

Antes de o seu Antônio chegar, a mãe já estava chamando os meninos e o pai para tomarem café. Na copa, os dois ficavam de ouvidos em pé. Mas seu Antônio e o pai falavam baixo. Eles não conseguiam ouvir nada. Pior é que não podiam deixar o café, pois a mãe se zangaria.

O que os dois homens estavam tramando?

O dia inteiro, os meninos ficaram curiosos e pensativos. Imaginavam fantasma embriagado, batendo com a cabeça para todos os lados. Fantasma uivando, correndo, soltando confetes e serpentinas luminosas e envenenadas, que queimavam como fogo.

Na escola, todos os amigos do Alex e também os do Samir estavam bem informados sobre o fantasma. Os professores, que deixavam os meninos falarem mais, também já sabiam coisas como a turma. Todos já sabiam das novas características especiais do fantasma da casa dos meninos.

Sabiam dos pêlos castanhos, da mania de comer carne e beber leite e até de beber cachaça. Até deram para ele o apelido de "fantasma beberrão".

Sabiam das unhas presas na armadilha. Antes, já sabiam do corpo luminoso e colorido, das luzes nos olhos, dos dentes dourados, dos lábios muito vermelhos. Sabiam dos confetes e serpentinas envenenadas que ele jogava.

Com as novas informações, o interesse pelo fantasma crescia e crescia.

Saber que o fantasma, com a armadilha forte do seu Antônio, estava prestes a ser preso, aumentava a curiosidade dos meninos.

15. O fantasma beberrão

Naquela noite, o barulho foi maior. O fantasma exagerou. Deveria estar muito de fogo ou meio doido. Nunca se viu tanto barulho e tanto som de bagunça. Garrafas caíam e eram arrastadas mesmo quebradas, barulho de lata, parecia uma batucada desesperada. Gemidos e correrias, muitos grunhidos, guinchos.

Os meninos acordaram antes e tremiam e queriam chorar.

Esperavam que o pai acordasse e reagisse. Afinal, ele é que foi na conversa do seu Antônio. Gastou uma boa grana na tal armadilha resistente.

— Samir, eu acho que foi loucura o que a gente fez.

Aquele prato com álcool é que deve ter deixado o fantasma maluco. Você não acha?

— Eu acho. Ele deve estar num fogo daqueles! Pra fazer tanta bagunça, tanto barulho, pra sair assim do sério...

— Dá vontade de ir lá no porão pra ver o fantasma bebereão.

— Se o pai for, nós vamos juntos. Né?

— Lógico que vamos. Nem que for escondido dele.

A mãe estava curiosa, mas estava também com medo. Vendo o pai pôr o sapato, quis que ele mudasse de idéia. E se não fosse gente nem bicho?

E se fosse um bicho perigoso? E se fosse um ladrão armado? Aquela brincadeira boba de o marido esconder o nome do bicho só aumentava o medo dela e dos meninos. Por que não foi perguntar ao seu Antônio para que servia aquela armadilha grande?

— Você vai mesmo lá no porão?

— Por que não iria?

— Porque está muito frio.

— Não tem medo do que pode estar lá?

— Medo por quê? Já disse que deve ser um bicho qualquer.

— Mas pode ser um bicho perigoso, ou algum bandido...

— Ou algum fantasma? Pode dizer...

— Não falei isto.

— Não falou, mas pensou.

— Este barulho todo é porque o bicho está de fogo. Ele deve ter tomado toda a bebida que restava nas garrafas. Está na hora de acabar com ele.

— Não sei por que você faz este mistério todo. Os meninos ficam apavorados.

— Você fica apavorada. Só que não faço mistério nenhum. Disse que pode ser um gato ou rato, sei lá... Como vou saber, se não peguei o bicho? Só sei que é um bicho grande, que invade o porão. Tem pêlos castanhos. Solta confete e

serpentinhas venenosas pela boca. Tem luzes nos olhos e dourado nos dentes. Gosta muito de leite e de carne.

— Depois fala que não está gozando. Pode ir. Só pensei no frio que está lá fora. Você pode apanhar um resfriado. Bem que poderia deixar pra amanhã...

— Vou é agora mesmo. Pode ficar deitada que já volto.

— Nada de chamar os meninos, hem?

Ouvindo barulho dos passos do pai, os meninos correram para a cozinha. O pai estava de pijama e sapatos, todo agasalhado e muito engraçado. Quiseram saber aonde ele ia. O pai pediu silêncio para a mãe não ouvir. Falaram da barulheira toda e do álcool que puseram no prato. O pai ria e prometia apanhar aquele bicho de qualquer maneira.

Como os meninos insistiam, o pai deixou que fossem com ele. Só que teriam que se agasalhar bem. Eles poderiam levar vassoura, rodo, pedaço de pau. Ia ser uma guerra maluca contra aquele fantasma beerrão.

16. Surpresa final

Tudo escuro no porão. Muito escuro. Muito frio. Frio da noite. Frio do medo. Mesmo agasalhados, os meninos tremiam. Mas não queriam voltar para o quarto. Seria sensacional ajudar o pai a capturar ou matar o fantasma beerrão.

Mas o fantasma não tinha medo. Corria de uma parede a outra, invisível. Parecia cego. Batia nas paredes, soltava guinchos. Não soltava luz nenhuma. Ao ser atingido pela luz da lanterna, soltou um cheiro terrível. De narizes tapados, o pai e os meninos avançavam cautelosos. A luz mostrava cacos de garrafas quebradas e manchas de sangue no chão. O cheiro aumentava, era difícil suportá-lo.

Os gemidos de dor doíam nos ouvidos. O fedor aumentava. Os meninos pensavam como seria aquele fantasma fedido. Nem queriam ver o sangue no chão. Nunca pensaram em fantasma com sangue. Começaram a cochichar arrepiados. O pai pediu silêncio. Nada de conversas nem passos barulhentos. Eles obedeceram, pois, mesmo com medo, não queriam que o fantasma fugisse.

Dois olhos brilhantes e amedrontados. Os meninos não conseguiram segurar

o grito. O fantasma recuou assustado. Fantasma de olhos pequenos e amedrontados, fugindo de gente. Não poderia ser um fantasma verdadeiro... O mau cheiro era de endoidecer. O fantasma estava bem próximo. Dava para sentir a respiração dele. Um fantasma respira? — pensaram.

Com uma das mãos, o pai segurava a lanterna. Com a outra, segurava um pedaço de madeira.

O bicho tentou dar um pulo. Viram que, na barriga dele, alguma coisa se movimentava. Os meninos já estavam achando aquele fantasma muito esquisito.

Ficaram curiosos. Queriam saber o que havia naquela barriga para se mexer tanto. Quando a lanterna iluminou mais, viram...

O pai já estava para descer o pedaço de madeira na cabeça do invasor, quando Alex gritou:

— Não mata não, pai!

E o Samir reforçou:

— Tem filhotinho na barriga do bicho, do lado de fora, pai!

O pai olhou e viu o bicho. Olhou para os meninos e os viu com os olhos arregalados e cheios de dó. Voltando a ver os filhotes na bolsa da mãe, o pai sentiu que jamais mataria um fantasma naquelas condições.

O pai jogou o pedaço de madeira fora. Chamou os meninos para irem embora.

— Deixem o pobre animal sarar do fogo para criar bem os seus filhotinhos!

Há certas noites em que o barulho volta. Principalmente se, antes, houve alguma festa de aniversário e sobraram restos de bebidas nas garrafas.

Os meninos tentam fantasiar os barulhos e os barulhentos fantasmas. Mas já não conseguem ter medo. Só lhes vem uma vontade muito grande de ir lá no porão. Só para levar comida para o fantasma. Se a mãe deixasse, se não cheirassem tão mal, eles trariam os bichos para dentro de casa.

— Coitados, devem sentir muito frio, Alex!

— É, mas a mãe não pode nem ouvir falar deles. Tem medo e nojo, só de ouvir contar como é o cheiro... Mas foi uma coisa gostosa que aconteceu aqui em casa. Não foi, Samir?

— Foi muito gostosa. Pena é que acabou o mistério e acabou a graça!...

Glossário

As palavras, estão explicadas neste glossário só pelo sentido com que são empregados neste livro.

— A

arrogante — insolente, orgulhoso, presunçoso.

— C

confete — rodelinhas multicoloridas de papel, que os foliões jogam aos punhados em festas de carnaval.

— E

e-mail — correspondência enviada por computador.

— G

grunhido — som que lembra um ronco, emitido por alguns animais.

guincho — som agudo, emitido por alguns animais.

— I

iminência — condição do que está iminente, do que está prestes a acontecer.

internet — rede mundial de computadores.

intrigada — desconfiada.

— M

malandramente — de jeito malandro, com malícia.

memória — parte do computador em que as informações ficam guardadas.

— P

provedor — instituição que faz a ligação e a troca de informações entre muitos computadores.

— S

serpentina — fita de papel colorido, geralmente usada em festas de carnaval.

sopapo — bofetão, murro.

— T

tramar — fazer maquinação, intriga.

— V

vírus — programa de computador criado para afetar outros programas e causar problema no funcionamento de um computador.